

Cooperativismo e Associativismo - Proposta Alternativa de Geração de Trabalho e Renda no Município de Marilena, PR

Área Temática de Trabalho

Resumo

Não se trata apenas de considerar a prática de uma educação diferenciada, mas sim denota-la como mudança de mentalidade quanto ao trabalho individualizado para o qual o trabalhador sempre foi preparado e assumir sob a perspectiva crítica uma postura diferenciada e o compromisso coletivo. É uma tarefa no sentido de aproveitar o “simples saber” do grupo e a ele acrescentar algumas instruções básicas de trabalho coletivo. Trata-se, pois de desencadear um processo de passagem do trabalho alienado para o trabalho consciente (que pode ser utilizado como suporte do processo de libertação) e deste para a criatividade transformadora, onde a pessoa decide com autonomia e liberdade”. (RECH, 2000: 101). Mas como levar o grupo a desenvolver em seu seio, sem criar dependência de seus assessores, um sentido de convergência e solidariedade que lhe permita permanecer unido mesmo diante das adversidades, e além disso, colaborar para o seu crescimento com idéias, na soluções dos problemas que invariavelmente surgem? Não parecem existir soluções prontas. No entanto esse é um desafio fundamental tanto para o grupo, como para quem se dedique a prestar-lhe assessoria. Solucionar esse problema ou encontrar respostas é vital para a sua continuidade.

Autores

Eliza Emília Rezende Bernardo Rocha

Fúlvia Eloá Maricato

Maria Clara Corrêa Tenório

Vagner de Alencar Arnaut de Toledo

Zildazene Alves Martins

Instituição

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Palavras-chave: cooperativismo popular; trabalho; geração de emprego e renda

Introdução e objetivo

O final de século passado e início deste vieram acompanhados por profundas transformações que afetaram todas as economias. Modificam-se as bases produtivas e as relações trabalhistas. Tais alterações são consequência, em parte, das novas tecnologias de informação, da produção, da abertura de novos mercados e mobilidade do capital financeiro. Há um aumento nos índices de desemprego em todas as economias, mas esse processo é mais desalentador em países emergentes devido ao conjunto de fatores que agravam a situação de quem é expulso do mercado ou jamais nele foi inserido. O avanço tecnológico desenvolve contradições, pois embora surja na perspectiva de beneficiar o ser humano que o cria, dificulta o próprio convívio do homem com seus semelhantes e destes com a natureza. Nesse contexto, torna-se necessário buscar alternativas para direcionar a questão sendo cada vez mais urgente realizar articulações na sociedade, visando uma maior harmonia entre a sociedade e a natureza, privilegiando o ser humano dentro de um processo de desenvolvimento. O resultado é que parcelas consideráveis da população são lançadas na marginalidade e excluídas da economia de mercado.

O avanço tecnológico desenvolve contradições, pois embora surja na perspectiva de beneficiar o ser humano que o cria, dificulta o próprio convívio do homem com seus semelhantes e destes com a natureza. Nesse contexto, torna-se necessário buscar alternativas para direcionar a questão sendo cada vez mais urgente realizar articulações na sociedade, visando uma maior harmonia entre a sociedade e a natureza, privilegiando o ser humano dentro de um processo de desenvolvimento.

Tentando amenizar o problema que atinge milhões de trabalhadores desempregados surgem diversas alternativas. Emerge um novo modelo de economia, a denominada Economia Solidária, uma rede de iniciativas no campo popular, que em seus variados modos de atuação visa inserir no mercado grande parcela de excluídos através de programas de geração de renda. O Cooperativismo popular ou de trabalho é, pois, uma das alternativas para resgatar a cidadania e possibilitar especialmente aos trabalhadores desempregados viabilizar um projeto de geração de renda e inclusão social.

No Brasil, por exemplo, ampliou-se nas últimas décadas, consideravelmente os números dos socialmente excluídos, que sobrevivem no mercado informal de trabalho. Esse processo afeta os índices de desemprego, força a precarização das condições de trabalho e amplia o número dos socialmente excluídos, que sobrevivem no mercado informal de trabalho. Diante desta realidade, se faz necessário buscar alternativas para direcionar a questão do trabalho e renda. O Cooperativismo Popular é uma delas, especialmente aos desempregados para viabilizar trabalho e gerar renda.

Com base em reflexões e leituras de bibliografias e dados quantitativos atualizados, além de observações empíricas de grupos emergentes no contexto da Economia Solidária conclui-se que, o Cooperativismo Popular emerge da organização de trabalhadores no sentido de resgatar por meio do trabalho a sua dimensão humana e a conquista da cidadania. O procedimento necessário nesse tipo de empreendimento implica em levar o trabalhador a uma mudança de mentalidade por meio de um processo de (re)educação que o faz produzir, a internalizando a dimensão do trabalho coletivo.

O objetivo desse texto é enfocar apenas uma das alternativas de produção com geração de renda, tomadas pela via da organização dos trabalhadores, no sentido de resgatar por meio do trabalho a sua dimensão humana e conquistar a cidadania. Concordamos com Diva Benevides Pinho quando afirma que “para enfrentar os desafios de mudanças sem precedentes, o Cooperativismo precisa se fortalecer como um corpo sistêmico coeso, mas sem abdicar da defesa de seus valores de autenticidade (ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade), nem de seus valores éticos de honestidade, transparência responsabilidade social e preocupação com os semelhantes” (PINHO, 2000, p 68).

Segundo ela há “necessidade de se preparar os recursos humanos e as instituições para um mundo que está substituindo o emprego de massa na produção e na comercialização de bens e serviços, pela economia do conhecimento”. (PINHO, 2000: 65).

Na conquista de sua dimensão humana e inserção no mercado, o trabalhador cooperado necessita, portanto, compreender e vivenciar os princípios fundamentais do Cooperativismo e consolidar a democracia no interior da Cooperativa. Trata-se de um processo de reeducação que o prepara para produzir, abandonando a perspectiva individualizada adquirida anteriormente, e internaliza a dimensão do trabalho coletivo. Adota-se de novas estratégias, pensando em novas soluções objetivando recriar uma nova realidade mais plena.

Não se trata apenas de considerar a prática de uma educação diferenciada, mas sim denota-la como mudança de mentalidade quanto ao trabalho individualizado para o qual o trabalhador sempre foi preparado e assumir sob a perspectiva crítica uma postura diferenciada e o compromisso coletivo. É uma tarefa no sentido de aproveitar o “simples saber” do grupo e

a ele acrescentar algumas instruções básicas de trabalho coletivo.

Trata-se de desencadear um processo de passagem do trabalho alienado para um trabalho, onde haja autonomia e liberdade daquele que o produz.

Mas como levar o grupo a desenvolver em seu seio, sem criar dependência de seus assessores, um sentido de convergência e solidariedade que lhe permita permanecer unido mesmo diante das adversidades, e além disso, colaborar para o seu crescimento com idéias, na soluções dos problemas que invariavelmente surgem?

Não parecem existir soluções prontas. No entanto esse é um desafio fundamental tanto para o grupo, como para quem se dedique a prestar-lhe assessoria. Solucionar esse problema ou encontrar respostas é vital para a sua continuidade.

O objeto componente do público alvo deste projeto é formado por moradores do município de Marilena-PR. Pretendeu-se implementar um acompanhamento voltado à (re)educação, na perspectiva transformadora, para o trabalho coletivo e valorização humana, fomentar a integração de segmentos excluídos do mercado de trabalho à sociedade produtiva pela via da cooperação, contribuindo para o processo de construção da cidadania e aprofundar o saber técnico e científico adquirido pelos acadêmicos nos cursos de graduação.

Na perspectiva de criar e estimular novas formas associativas de produção, o presente trabalho se propõe a atuar no município de Marilena envolvendo a população rural e urbana. Sabemos que temos um desafio pela frente, pois há nos empreendimentos associativistas, de modo geral, sob o ponto de vista interno, grande resistência a um trabalho de verdadeira reeducação, partindo do individual para o coletivo. O indivíduo traz internalizados valores, que por mais que inibam seu desenvolvimento como um todo, camuflam essa evidência e o deixam à mercê das ideologias dominantes, que têm atualmente caráter individualista. Desse modo, são inúmeros os desafios a serem vencidos e o maior deles é a formação e reeducação para o associativismo e especificamente, para o modo de vida cooperativo. A população atendida apresenta problemas com o lixo, a erosão, o desmatamento, entre outros. O trabalho tem como objetivo geral viabilizar o cooperativismo e associativismo – proposta alternativa de geração de emprego e renda no município de Marilena-PR – e atividades educativas multidisciplinares.

Como objetivos específicos, contemplados pelas atividades educativas multidisciplinares/interdisciplinares, temos a difusão da importância da atividade apícola como fonte de renda; difusão de tecnologia em piscicultura; práticas de conservação e recuperação da fertilidade do solo; conscientização ecológica para melhorias na higiene individual e coletiva da população de Marilena-PR; sensibilizar a população através da educação ambiental, para problemas relacionados ao lixo, buscando encaminhamento para estabelecer coleta seletiva e cooperativa do lixo. A metodologia adotada constitui-se de técnicas tais como reuniões, palestras, treinamento, dias de campo e oficinas de trabalho. O trabalho, em desenvolvimento (final das ações previsto para agosto/2002), constitui-se num desafio, já que a relevância do projeto reside no atendimento de uma população extremamente carente, de baixo grau de instruções, sem trabalho fixo e inseridos em uma região de poucas opções para o desenvolvimento sustentável.

Os princípios cooperativos

De Rochdale, em 1844, até hoje, os princípios cooperativos foram sendo modificados tendo em vista, principalmente, a evolução do mercado num sentido cada vez mais competitivo. Os princípios passaram por reformulações ao longo dos trinta e um congressos realizados pela ACI (Aliança Cooperativa Internacional) desde sua criação, em 1895. Drapieri (1995:76), ao discorrer sobre a ACI, coloca que “sua história pode ser compreendida como uma dialética entre um movimento de idéias, a utopia cooperativa, e um movimento de empresas – as práticas cooperativas.” Como consequência desta afirmação, pode-se inferir que os princípios cooperativos desempenham um papel de ordenamento prático e funcional

onde o que se objetiva é incorporar a utopia cooperativa. A contraposição de idéias e práticas cooperativas é o que explica o fenômeno do cooperativismo enquanto um fenômeno dialético. É neste contexto que os conceitos dos princípios cooperativos e as práticas cooperativas vão propiciar às organizações cooperativas definir como utilizar os recursos disponíveis (financeiros, humanos, tecnológicos) para que possam funcionar com eficiência.

Embora várias pesquisas tenham demonstrado que ao longo da história os princípios cooperativos têm sido interpretados de formas diferentes dado o contexto cultural, social e econômico no qual se inserem as organizações cooperativas, a ACI trabalha com os sete princípios afirmando sua validade geral e universal.

No Congresso da ACI, realizado em Manchester (setembro/1995), os princípios cooperativos foram reformulados no intuito de ajustá-los ao contexto de um mercado mais competitivo. Sendo assim, são estes os princípios estabelecidos pela ACI: adesão livre e voluntária - este princípio foi mantido como anteriormente, é o princípio do tratamento indiscriminado; controle democrático pelos sócios, um sócio, um voto (válido para as cooperativas singulares).

Reflete a capacidade do sócio participar efetivamente. Participação econômica do sócio - este princípio incorporou o sexto e o sétimo princípios da formulação anterior. Ele prevê que parte do capital da cooperativa (controlado democraticamente pelos sócios) é de propriedade comum. Não se deve imprimir um caráter especulativo ao capital da cooperativa. O quarto princípio é novo e resgata algo muito caro ao cooperativismo: autonomia e independência. As cooperativas devem ser controladas por seus sócios, ser autônoma e de ajuda mútua. A autonomia financeira é fundamental para a sobrevivência das cooperativas. Educação, treinamento e informação é um processo contínuo e permanente onde se procura capacitar e formar não só o associado mas também os representantes eleitos, administradores e funcionários. O sexto princípio, cooperação entre cooperativas, prevê o fortalecimento do sistema cooperativo através da integração que deve ocorrer de baixo para cima.” O sétimo e último princípio, preocupação com a comunidade, coloca que os trabalhos das cooperativas visam o desenvolvimento das comunidades nas quais se inserem.

Metodologia

A metodologia de trabalho envolveu a organização e capacitação da equipe orientadora, assim como, do grupo orientado, num processo interativo. No decorrer do Projeto as atividades de acompanhamento resultaram na criação da Associação dos Apicultores de Marilena-PR.

Na organização dessa associação reuniões iniciais foram realizadas semanalmente, num salão cedido pela Prefeitura Municipal de Marilena, cedido pelo prefeito do município. Em paralelo, foram realizadas reuniões da equipe de acompanhamento para saber do andamento dos trabalhos e preparo das reuniões com o grupo de produtores. Constatou-se a necessidade de preparar os interessados com noções básicas sobre cooperativismo e associativismo, uma vez que o grupo entendeu que sua organização coletiva se daria pela forma de associativa ou Cooperativa. Nesse sentido, montou-se, coordenou-se e ministrou-se o Curso Preparatório e Introdutório sobre Cooperativismo e Associativismo Popular, na UEM, do qual participaram vários produtores envolvidos.

Foram convidados profissionais das áreas de zootecnia, administração, direito, biologia, economia e psicologia, para integrar as discussões de assuntos pertinentes àquelas áreas. A Unitrabalho acompanhou o grupo interessado na montagem da Cooperativa, na elaboração do Estatuto, o qual foi discutido item por item. Uma vez concluído foi dada entrada da documentação do registro público, na cidade de Nova Londrina, uma vez que Marilena não dispõe dessa instituição, após realização da Assembléia Geral de Formação da Associação. O grupo tem sido acompanhado por membros da UEM/Unitrabalho, na solução

de problemas relacionados à administração, relacionamento, documentação, elaboração do regimento interno, dificuldades iniciais, marketing.

Observou-se a transformação porque passaram os associados, da realização do trabalho individual para o coletivo, que surpreendeu, pois, em tão curto espaço de tempo eles atingiram um considerável grau de adequação à nova realidade.

Percebe-se que na conquista de sua dimensão humana e inserção no mercado, o trabalhador associado/cooperado necessita, compreender e vivenciar os princípios fundamentais do Cooperativismo e consolidar a democracia no interior da Cooperativa/Associação. Trata-se de um processo de reeducação que o prepara para produzir, abandonando a perspectiva individualizada adquirida anteriormente, e internaliza a dimensão do trabalho coletivo, mesmo que apenas num primeiro momento, apenas para venda. Adotam-se novas estratégias, pensando em novas soluções objetivando recriar uma nova realidade mais plena. Essa tentativa se resume em um trabalho de (re)educação do trabalhador associado ou cooperado, que deve ser acompanhado por uma assessoria multidisciplinar objetivando proporcionar conhecimentos organizacionais, tecnológicos e práticos, com tentativas de intervenção junto aos grupos cooperados já existentes ou em formação, de maneira que os mesmos possam por si caminhar e resolver os entraves do seu cotidiano. Não se trata apenas de considerar a prática de uma educação diferenciada, mas sim denota-la como mudança de mentalidade quanto ao trabalho individualizado para o qual o trabalhador sempre foi preparado e assumir sob a perspectiva crítica uma postura diferenciada e o compromisso coletivo.

Resultados e discussão

Na opinião da equipe que os orienta, atualmente, os conflitos são inerentes ao crescimento do grupo. As lideranças iniciais acabaram assumindo alguns cargos dentro da Diretoria. A grande preocupação dos orientadores consistiu em fomentar a discussão no grupo e o surgimento de novos líderes para evitar a concentração de poder. Essa preocupação faz sentido, principalmente, porque, alguns associados viveram por décadas uma situação de isolamento, trabalho individual e têm dificuldade de assumir as responsabilidades coletivas, participando das decisões democráticas e cobrando da Diretoria e do Conselho Fiscal que exerçam seu papel. Nas reuniões, gradativamente foi sendo trabalhada a conscientização para o coletivo e implementou-se suporte técnico administrativo, contábil e jurídico.

Análise dos Resultados e Repercussões das Ações Junto à População-alvo - com relação à apicultura

Inicialmente, o projeto da apicultura como fonte alternativa de renda aos produtores foi apresentado conjuntamente com as outras áreas ao prefeito, vereadores e lideranças locais. Após, foi apresentado também conjuntamente com as outras áreas aos interessados, a comunidade local. Surgiram 12 pessoas interessadas nesta proposta, desde apicultores antigos até pessoas que não possuem colméias, nunca mexeram com abelhas, mas pretendem. Entretanto, após uma conversa de esclarecimento sobre a atividade apícola, duas pessoas desistiram mas, num outro encontro, outras duas pessoas entraram. Foi feita uma visita a um entreposto de mel e o proprietário deu uma palestra sobre mercado, comercialização de mel e também sobre os requisitos necessários para a produção de mel orgânico. Em uma outra ocasião os produtores visitaram a FEI (Fazenda Experimental Iguatemi) conhecendo todos os equipamentos necessários para o manejo de colméias assim como para a instalação da casa do mel.

A visita seguinte aos produtores foi para o reconhecimento dos apiários de cada participante, sendo observados locais de implantação, tipo e quantidade de produto apícola, localização, tipo de cobertura e cavaletes utilizados além da quantidade de colméias por apiário e estes foram comparados com a recomendação da literatura (Nogueira-Couto &

Couto, 1996). Foi aplicado um questionário para cada produtor para a obtenção de dados sobre as atividades desenvolvidas na propriedade que serão posteriormente avaliados.

Com relação à coleta seletiva

Os resultados relacionados ao problema do lixo (coleta seletiva; reciclagem) incluem a sensibilização da comunidade escolar, realizada pelos professores da rede pública de ensino, através de várias atividades didático-pedagógicas, tais como: confecção de papel reciclado; produção de textos; dramatizações, entre outras. Já a sensibilização da comunidade em geral, possui resultados mais lentos devido principalmente à desarticulação entre o poder público local e os vários segmentos da sociedade.

Com relação à difusão de tecnologia em piscicultura e práticas de conservação e recuperação da fertilidade do solo, os trabalhos vêm sendo realizados a contento. Os objetivos de transmitir conhecimentos nessas áreas específicas vêm se concretizando como forma de inserir a pequena propriedade no processo de geração de emprego e renda.

Com relação ao cooperativismo/associativismo

No que diz respeito às atividades relacionadas ao cooperativismo/associativismo, estamos realizando oficinas de trabalho com o grupo (costureiras, produtores rurais) de modo a sensibilizá-los para a importância do trabalho coletivo e como, a partir daí, obter e/ou aumentar a fonte de renda. Estamos iniciando o processo da educação cooperativa, princípio cooperativo a partir do qual se almeja uma forma mais participativa, justa e democrática para atender às necessidades e interesses específicos desse público-alvo.

Conclusões

Como já tivemos oportunidade de expor, a cultura capitalista gerou uma sociedade individualista, cética no trabalho cooperativo e coletivo. É difícil trabalhar nos grupos a idéia de socialização do conhecimento. Nesse sentido o esforço conjunto tanto dos grupos em formação quanto da própria equipe de assessoria é imenso e deve ser constante para reverter esse quadro que impregnou a consciência dos indivíduos de forma a transformar o outro em rival, nunca em aliado. É preciso administrar as diferenças, não renegando suas aspirações individuais, mas realizando seus desejos de forma conjunta, em cooperação.

O desafio maior dos componentes da Equipe que trabalhou no projeto e que os acompanhou no início das atividades da associação foi despertar o interesse de todos pelo empreendimento, muitos queriam apenas realizar o trabalho, vender e dividir os resultados da venda dos produtos, mas não tinham interesse em estar a frente do negócio, deixando por conta dos demais essa tarefa. Esse trabalho de tomada de consciência é lento e sofre retrocessos. A própria continuidade do grupo, que hoje já completou mais de dois anos de existência demonstra que é possível reverter a situação de isolamento social de pequenos produtores. Denota-se também, que as classes excluídas ou isoladas do mercado, principalmente nas cidades pequenas, possuem uma força que pode ser canalizada para melhoria de suas condições de vida, desde que se ofereça um suporte e aparato físico mínimo.

Diferentemente do que possa parecer há uma enorme capacidade latente dentro dos grupos e eles podem vencer os obstáculos desde que tenham uma liderança positiva.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Sílvia M. P. de. Eles: a cooperativa; um estudo sobre a ideologia da participação. Curitiba: IGP Ltda., 1982. 215p. (Estudos Paranaenses).
BERNARDO ROCHA, Eliza E. R. O cooperativismo agrícola em transição – dilemas e perspectivas. Campinas: IE/UNICAMP, 1999 (tese de doutorado).
LIMBERGER, E. Importância da educação cooperativista. Perspectiva Econômica, 1979, 8(20): 19-26.

_____. Cooperativa – empresa socializante. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1996,

267p.

MAIA, I. Cooperativa e prática democrática. São Paulo, Cortez Editora, 1985, 112p.

NOGUEIRA-COUTO, R.H., COUTO, L.A. Apicultura: manejo e produtos. Jaboticabal: FUNEP-UNESP, 1996. 154 p.

RODRIGUES, F.L.& CAVIANATTO, V.M. Lixo: de onde vem? Para onde vai? São Paulo: Moderna, 1997.

SINGER, Paul. Globalização e desemprego – diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 1999.

TRIVINÕS, A . N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1990, 175p.

Nota: cooperativas singulares ou cooperativas de 1º grau são aquelas cujos associados são pessoas físicas. São consideradas como cooperativas singulares: a) cooperativas de produção ou de produtores; b) cooperativas de consumo ou de consumidores; c) cooperativas de crédito; d) cooperativas mistas. As cooperativas de 2º grau reúnem determinada categoria de cooperativas de 1º grau. Seus membros são pessoas jurídicas: a) Federações ou Uniões; b) armazéns cooperativos regionais ou nacionais; c) organismos regionais especializados; d) centrais. As cooperativas de 3º grau caracterizam-se pela associação de diversas federações. São as confederações.